

TÃO BOM COMO TÃO BOM (...): CAMINHO DE UM PRÍNCIPE DO POVO NO RIO DE JANEIRO

Maria Lúcia de Souza Rangel RICCI

Trabalho sistemático e objetivo da ordem de *Dom Obá II d'África, o Príncipe do Povo*, do historiador Eduardo Silva, é que nossa historiografia está necessitando cada vez mais. Recuperando o cotidiano do Rio de Janeiro, à época dessa figura esquecida e assaz peculiar, demonstra o significado e importância de estudos do gênero à captura de uma mentalidade coletiva e do próprio passado nacional.

A ambientação histórica e cultural apresentada pelo A. ao vasculhar os inúmeros e populosos bairros negros do Rio, perscrutando, a partir da Guerra do Paraguai a vida urbana da chamada *África Pequena*, reduto de Dom Obá II, nos oferece uma clara visão do negro livre na sociedade escravista de meados para final do século XIX.

Utilizando de fontes várias, bibliografia de primeira ordem, além de depoimentos, iconografia e os mais notórios periódicos para o período em questão, Eduardo Silva pontua momentos significativos desse singular personagem, que, como se refere à p. 11 de seu livro - "representa um insuspeitado elo entre as elites dominantes de então e a massa brasileira que emergia da desagregação da sociedade tradicional".

Sendo Dom Obá II filho de africano forro, tanto esse *Príncipe* como seus *súditos*, viveram processos culturais complexos, que foram captados pelo A, de forma científica, concisa, com linguagem instigante e clara, ao apontar, por exemplo, como a campanha do Paraguai colocou as classes sociais do país em amplo contato, e que, após o término do conflito, o Império Brasileiro jamais teria sido o mesmo. De igual maneira o Príncipe Dom Obá II d'África - Cândido da Fonseca Galvão - não seria mais como dantes, passando a ser visto como um negro resmungão, excêntrico, amalucado...

Significativo é também todo o pano de fundo feito pelo A - sobre a imigração nesse período, abordando a atuação, entre outros, de Von Koseritz que não via o Príncipe d'África com bons olhos, mesmo porque não o achava devidamente equilibrado além de inoportuno, pois, era sempre o primeiro a chegar para *obeija-mão* do Imperador. Aliás é bom lembrar que esse Príncipe do Povo sempre esteve ao lado de Pedro II, do Império, das idéias conservadoras, na tentativa de melhorar a situação do negro (assim imaginava...) e a sua própria subsistência...

Não menos importante é a análise feita por Eduardo Silva sobre o conjunto de símbolos ocidentais e iorubas observados no "retrato oficial" do Príncipe que, como enfatiza à p. 171 "... já não parece fácil distinguir traços culturais isolados. Também aqui, como vimos em seu discurso escrito, não parecem existir resquícios africanos, de um lado, e influência ocidental, de outro, mas um complexo cultural próprio, fruto do processo histórico brasileiro".

Após a Abolição a *África Pequena* frente a nova situação apresentou e sentiu vários desafios, uma vez que não mais se apresentaram as possibilidades de outrora como as das velhas fidelidades políticas e nem mesmo para príncipes do povo...

Mas a sorte (?) o livrou de maiores desilusões: logo após a proclamação da República, esse negro forte que se trajava de fraque, cartola e luvas, bengala e guarda-chuva, além de ostentar sempre seu *pince-nez* de ouro com lentes azuis, aquele que sempre chegava primeiro às audiências públicas concedidas por D. Pedro II, veio a falecer, na mais extremada miséria, o que aliás não diferiu muito da vida que levou, já que sempre recebeu pacato soldo de seus súditos e pelo seu labutar durante a contenda no Paraguai.

O trabalho de Eduardo Silva incita e propõe novas investigações à cultura popular, exercitando à nível de Brasil o que vários outros historiadores estrangeiros já o fizeram (só para lembrar- Ginzburg). Procurou, nesse belo estudo, esquadrinhar práticas culturais relegadas pela historiografia tradicional, numa aproximação com a "antropologia simbólica", com extrema habilidade, erudição e sutileza impar ao se deslocar do universo pessoal para o global, mesmo porque, toda a experiência do Príncipe Dom Obá II não foi abordada fora do quadro social e cultural que o engendrou, o que nos permitiu de maneira clara observar o arguto senso de interpretação do A .

Eis aqui um livro que tem tudo para atrair tanto a sociólogos, quanto historiadores da cultura, antropólogos e folcloristas, por suas análises e informações detalhadas de um momento da história nacional, que de fato merecia receber outra abordagem, outro olhar, como tantos outros aspectos do processo histórico brasileiro.